

MEMÓRIA CAMPINEIRA (48)

TOMÁS ALVES

Lycurgo de Castro Santos Filho

Nascido no Rio de Janeiro a 24 de dezembro de 1856 e falecido em Campinas a 23 de abril de 1920, era filho de Tomás Alves Júnior, bacharel em direito pela Academia de São Paulo, lente da Escola Militar do Rio de Janeiro, conselheiro do Imperador e presidente da província de Sergipe, e de Emília Augusta de Melo. Formou-se em medicina em fins de 1881 e fixou-se em Campinas, onde exerceu a profissão, em janeiro de 1882. Profissional de renome, querido dos pacientes, foi chamado o “médico da pobreza”. Ligou o nome à Maternidade de Campinas, da qual era um dos fundadores. Casou-se a 27 de outubro de 1883 com Maria Etelvina de Morais Sales, de tradicional família, não deixando descendência.

Estabelecido em Campinas, publicou no conhecido diário “Gazeta de Campinas”, de 14 de maio a 10 de dezembro de 1882, 14 folhetins sob o pseudônimo de “X”. Depois, por dois anos, escreveu fantasias sobre temas folclóricos, não assinando os artigos”. Finalmente, a 9 de agosto de 1884 saiu seu último folhetim, sob o pseudônimo ainda de “X”. Não mais escreveu e nem publicou um “romance de costumes puramente fluminenses”, que aprontara e fora anunciado pela “Gazeta de Campinas”.

Tomás Alves foi vereador e presidente da Câmara Municipal de Campinas. Era de estatura baixa, cheio de corpo, de tez clara, sem barba, de bigode e cabelos castanho-claros, olhos azuis. Elegante no trajar, sempre com um vistoso alfinete de pérola na gravata, dir-se-ia um tipo inglês, Bebia

(*) “Alfa”, que seria Alberto Faria, assinalou na “Rev. do Centro de Ciências, Letras e Artes”, de Campinas, de 31-12-1915, a contribuição da pena de Tomás, contribuição “fugitiva e anônima” aos jornais “Cidade de Campinas” e “Correio de Campinas”, na década de 1890. Será difícil a comprovação.

uísque, - costume incomum na época -, que adquirira em Londres, quando lá passou oito meses para se curar de uma infecção adquirida em um dos dedos da mão esquerda, ao partejar uma pobre mulher de bairro operário da Ponte Preta. Era alegre, extrovertido. Todas as tardes, depois das consultas, bebia o seu uísque no Bar do Barsotti, em pleno centro da cidade, em roda de amigos. Corria à boca pequena que diagnosticava com mestria em estado de euforia alcóolica. O fato é que era estimado pelo povo. Recebeu em 1915 um automóvel, presente dos clientes que se cotizaram para a oferta. Anteriormente só se locomovia em um trole.

Seu enterro foi apoteótico. E a sua memória reverenciada por várias formas. Abriu-se uma avenida central na cidade, e ela recebeu o seu nome. Ergueram-lhe três monumentos: o seu busto de bronze figura nos jardins da Maternidade; uma sua herma, de bronze, situa-se em seu mausoléu no cemitério da Saudade, entre piras votivas, vasos de bronze, como as piras, e uma estátua de anjo em mármore. O terceiro é grandioso e localiza-se no centro do Jardim Carlos Gomes. De granito rosa, o monumento figura um pórtico ou êxedra, com o seu busto de bronze e mais três alegorias que representam, respectivamente, a cidade de Campinas, a Medicina e a Gratidão.

Ninguém como Tomás Alves mereceu tantas homenagens na cidade que escolheu para viver e onde para sempre, sepultado e recordado.

(Parte final da conferência “Tomás Alves ‘versus’ Camilo Castelo Branco”, pronunciada na Academia Carioca de Letras, do Rio de Janeiro, a 13 de novembro de 1979, e publicada em o nº 103 (nov. de 1983) da “Revista da Academia Paulista de Letras”, págs. 47 a 57).